



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

MÚLTIPLAS VOZES NUMA SÓ HISTÓRIA: HETEROGLOSSIA NA CRIAÇÃO DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA FM 107,9 MHZ

DÉBORA MARIA MOURA MEDEIROS ¹; MÁRCIA VIDAL NUNES ²

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Resumo: Operando a partir da UFC (Universidade Federal do Ceará), a Rádio Universitária possui uma história rica, ainda não contada em sua totalidade. Este artigo analisa o método da história oral, utilizado na pesquisa, e sua contribuição para a percepção da identidade institucional da emissora. O objetivo é demonstrar as vantagens do método para pesquisas sobre emissoras radiofônicas. Em breve, será disponibilizado material referente aos 28 anos da Rádio Universitária.

Palavras-Chave: história oral; identidade institucional; radiojornalismo; educação não-formal; Rádio Universitária.

Identidade institucional: tessitura de identidades

A fragmentação da identidade do indivíduo é resultado das configurações históricas e sociais que deram origem à pós-modernidade, quando mudanças estruturais e institucionais puseram em xeque as noções estabelecidas e, com elas, a sensação de pertencimento do sujeito às estruturas e instituições. Para o teórico jamaicano Stuart Hall, não só somos pós-modernos, como “‘pós’ relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade – algo que, desde o Iluminismo, supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos humanos” (Hall, 2002, p. 10). Ao invés disso, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que

¹ Concludente do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: debmedeiros@gmail.com.

² Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Sociologia pela UFC. E-mail: marciavn@hotmail.com.



nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (Hall, 2002, p. 13) e assumimos identidades diferentes para configurações diferentes.

Segundo essa perspectiva, a coesão das sociedades, bem como das instituições que as integram, só seria possível através da articulação entre os sujeitos fragmentados, quando suas convicções e histórias pessoais encontram um ponto de intersecção, para formar algo novo e coletivo. É nesse momento que surgem as identidades institucionais, que podem ser tidas como “histórias cruzadas, resultados transitórios de processos de identificação. Escondem negociações de sentido, choques de temporalidade em constante processo de transformação” (Penteado, 1998, p. 22).

Assim como o indivíduo, antes da Pós-Modernidade, era visto como dono de uma identidade estanque e isenta de contradições, as instituições, por muito tempo, foram consideradas órgãos com metas unificadas, em que todos se colocavam a serviço das concepções de uma liderança arbitrária, sem questionamentos ou ações em sentidos divergentes. No entanto, iniciativas individuais também fazem parte da identidade institucional:

Em uma perspectiva da organização da entidade, o racionalismo, que visa à maximização dos resultados, assume que os membros partilham valores e metas. Quando se tem uma visão dinâmica da organização, são as atividades, as estratégias e as relações que proporcionam o ponto de partida para a análise, evidenciando que os projetos dos membros de uma organização podem ser múltiplos. (Penteado, 1998, p. 49)

Estudar a identidade institucional de um meio de comunicação como a Rádio Universitária é uma tentativa de compreender até que ponto as atitudes dos seus profissionais definem a linha editorial, a relação com os ouvintes e com as fontes, além da postura diante das instâncias de poder, sejam elas internas, como a Reitoria e a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC), sejam externas, como o governo, nas instâncias municipal, estadual e fede-



ral. Também procura-se verificar a influência da identidade institucional sobre as trajetórias individuais, seu papel na formação profissional e na definição de projetos pessoais.

Diálogo, nem sempre consenso

15 de outubro de 1981. Depois de uma série de articulações políticas, a Rádio Universitária era finalmente inaugurada, em uma cerimônia à qual até mesmo o então ministro de Educação e Cultura, o general Rubem Ludwig, compareceu. A presença daquele convidado, em particular, servia como lembrete das negociações junto ao governo que vinham sendo conduzidas, desde 1979, pelos professores Marcondes Rosa, nomeado diretor de programação da emissora; Clóvis Catunda, diretor executivo; e Rodger Rogério, autor da idéia de criar uma rádio na universidade e diretor de cultura da emissora.

Para viabilizar aquele projeto, fora preciso dialogar com instâncias de poder internas e externas à Universidade Federal do Ceará. Primeiro, a idéia passara pelo crivo do reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto, que logo a encampou. Depois, devido a restrições na legislação relativa à radiodifusão educativa, a universidade teve de convencer o governador estadual, coronel Virgílio Távora, a trocar a concessão FM que o estado possuía pelo canal AM de propriedade da UFC. Por fim, o Governo Federal só deu sua chancela após o afastamento de alguns nomes que estavam à frente do projeto, considerados de esquerda.

Segundo Sílvia Penteado, esses trâmites são naturais no processo de formação da identidade institucional:

A construção da identidade institucional integra efeitos contraditórios: estruturas, sistemas de legitimação e práticas de poder são incorporados, num sentido que se ajusta ao da dominação social global; projetos individuais e coletivos são mobilizados, dando sentido às trajetórias institucionais. (Penteado, 1998, p. 108)



Esse processo não terminou com a concretização do projeto. O contexto político continuou a interagir com a rotina da Rádio Universitária e com as metas pessoais de cada um dos que compunham o quadro profissional da emissora, submetendo-os a pressões e desafios.

O período de 1981 a 1983 foi marcado por vivências de aprendizado mútuo e inovação. Profissionais experientes conviviam com bolsistas de diversos cursos, os quais viriam, muito em breve, a fixar-se na emissora como funcionários efetivos. Além disso, colaboradores, como o dramaturgo Artur Guedes e o professor do Departamento de Física da UFC Dedé Evangelista, contribuía para criar uma programação educativa e segmentada, como relembra o produtor musical da emissora José Rômulo Mesquita:

Tinha o *Matinata*, que era uma coisa de acordar, músicas suaves. A Rádio acho que entrava às 6h no ar, com o *Matinata*. Depois, o comentário do Marcondes [*Rosa*] – não tô lembrando se acompanhado de um noticiário. Depois, tinha o *Reouvindo o Nordeste*. Depois, tinha o *Brasil em Todos os Tempos*. Aí, sim, o noticiário do meio-dia, o jornal da Rádio, com crônicas e com comentários políticos. O Garganta escrevia uma crônica todo dia, sobre a cidade. O [*Carlos*] Pontes fazia o comentário político e o departamento de jornalismo produzia todo o noticiário, que ganhou prêmios muitos. (...) Aí, depois do noticiário, tinha um programa de música instrumental, chamado – no início, era *Teclados Bem Temperados* (...) e, depois, ele virou *Cordas, Bandas e Metais*, que era tipo depois do noticiário, 1h, meio-dia, até às 2h da tarde. Às 2h da tarde, começava um programa chamado *É Preciso Cantar*. E, depois do *É Preciso Cantar*, tinha acho que já o *Pessoal do Ceará* – não me lembro bem, não. E, aí, o *Fim de Tarde*, que toda vida teve. O Nelson [*Augusto*] criou a *Programação do Ouvinte* logo depois – no início, não tinha; esse era um horário acho que do noticiário. E, à noite, o programa diário era o *Música Erudita*. E não me lembro: aí, tinha, cada dia, um programa variado. (José Rômulo Mesquita, depoimento de 17/03/2008)

Essa pluralidade na programação é um reflexo da multiplicidade de interesses, histórias pessoais e perspectivas de cada indivíduo que compunha e compõe a Rádio Universitária, entre diretores, funcionários, bolsistas e colaboradores.

História oral e heteroglossia: a importância da diversidade

Por que escolher a história oral para narrar a trajetória de uma emissora pública de rádio? Thompson considera que “toda história depende, basicamente, de sua finalidade social” (Thompson, 1992, p. 20). Essa finalidade social pode variar de acordo com os indivíduos e seus interesses. Alguns acadêmicos estudam acontecimentos pontuais desvinculados do resto da história, “insistindo apenas na busca do conhecimento pelo conhecimento” (Thompson, 1992, p. 20). Regimes e ideologias apropriam-se da história para justificar seus atos, sejam eles guerras, revoluções ou o domínio exercido por uma camada social sobre a outra. Os políticos fazem uso dos símbolos e da grandiosidade dos acontecimentos e personagens passados para arrebatar eleitores. Mas há uma finalidade social mais ampla que todas as mencionadas acima:

Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas como o fim da energia a vapor, ou a migração pessoal para uma nova comunidade. De modo especial, a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal, que pode até mesmo ir além de sua própria morte. Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança. E os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história. Por meio da história política e social ensinada nas escolas, as crianças são levadas a compreender e a aceitar o modo pelo qual o sistema político e social sob o qual vivem acabou sendo como é, e de que modo a força e o conflito têm desempenhado e continuam a desempenhar um papel nessa evolução. (Thompson, 1992, p. 21)

A história oral interage com essa finalidade social. Thompson acredita que é por isso que muitos historiadores conservadores a rejeitam, por acreditar que ela serve a um tipo de história menos “nobre”, menos tradicional. Entretanto, essa metodologia não tem uma finalidade fixa. Apesar de conter várias possibilidades, ela está a serviço dos propósitos do pesquisador:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (Thompson, 1992, p. 22)

O autor relata que, durante o século XIX, a história focava basicamente nos grandes acontecimentos e nos trâmites políticos e administrativos oficiais: “O tempo histórico dividia-se segundo reinados e dinastias” (Thompson, 1992, p. 22). Isso ocorria tanto porque essa era a perspectiva considerada relevante pelos historiadores, como devido ao fato de eles só terem então acesso a materiais de natureza oficial, visto que apenas pesquisavam documentos escritos. E, “quanto mais um documento fosse pessoal, local ou não-oficial, menor a probabilidade de que continuasse a existir. A própria estrutura de poder funcionava como um grande gravador, que modelava o passado a sua própria imagem” (Thompson, 1992, p. 23). Essa realidade persistiu mesmo com o advento dos cartórios, responsáveis pela documentação civil e individual, e com a tendência à compilação de escritos pessoais, geralmente de personagens abastados. Pouco se preservou dos documentos da classe operária, e os ricos continuaram sendo quase a única voz na história.

Mesmo na atualidade, o indivíduo comum é representado apenas como dado estatístico de apoio a uma história administrativa, ainda baseada em documentos escritos. Thompson defende a importância do emprego de fontes orais para mudar esse quadro:

No sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão. (...) os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito de que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias, que, de outro modo, não teriam sido localizados. A fronteira do mundo acadêmico já não são mais os volumes tão manuseados do velho catálogo bibliográfico. Os historiadores orais podem pensar como se eles próprios fossem

editores: imaginar qual a evidência de que precisam, ir procurá-la e obtê-la. (Thompson, 1992, p. 25)

Ao longo desta pesquisa, percebemos o quanto isso é verdadeiro: não era incomum que os entrevistados trouxessem com eles recortes de jornais, cópias de roteiros antigos e fotografias e, a partir do mote oferecido por esses resquícios, iniciassem sua narrativa. Esses recursos amparam a memória, aproximando os eventos passados do presente. Tal associação é explicitada por falas como a da jornalista Fátima Leite, que está na emissora desde a fundação do setor de jornalismo:

Eu tenho tentado, assim, propositadamente, reunir alguma coisa [*da Rádio Universitária*]. Você vai ficando, vai guardando. Eu tenho muita coisa ali guardada, que tá tudo grampeado, faz é anos que eu grampeei. Por exemplo, a Rádio teve um tempo em que ela elegeu o diretor artístico. Aí, a papelada, terminava a eleição, e o pessoal não guardava. (...) Aí, eu terminei descobrindo que eu tenho um bocado de coisa. Hoje em dia, eu tenho alguns projetos [*guardados*]: projeto de cobertura do vestibular pelo setor de jornalismo, projeto de reestruturação da programação jornalística, essas coisas todas eram documentadas, né? E eu gostava de guardar. (Fátima Leite, depoimento de 8/6/2008)

Vemos que, até no simples ato de listar os objetos acumulados, Fátima Leite já inicia o processo de rememorar alguns momentos vividos na emissora, como a eleição para diretor artístico e os projetos implantados no seu setor. Esse processo peculiar de recordação é uma das distinções que Thompson faz entre a tradição oral e a reminiscência pessoal, chamada por ele de memória imediata:

Em relação à memória imediata, o passado está muito mais perto do que na tradição. Para cada um de nós, nosso modo de vida, nossa personalidade, nossa consciência, nosso conhecimento constroem-se diretamente com nossa experiência de vida passada. Nossas vidas são a acumulação de nossos passados pessoais, contínuos e indivisíveis. E seria meramente fantasioso sugerir que a história de vida típica pudesse ser em grande medida inventada. Uma invenção convincente exige um talento imaginativo excepcional. O historiador deve enfrentar esse tipo de testemunho direto não com uma fé cega, nem com um ceticismo arrogante, mas com uma compreensão dos processos sutis por meio dos quais todos nós percebemos, e recordamos, o mundo a nossa volta e nosso papel dentro dele. Apenas com um espíri-

to sensível assim é que podemos esperar aprender o máximo daquilo que nos é relatado. (Thompson, 1992, p. 194-195)

Para o autor, a reminiscência pessoal depende tanto de fatores externos, como o contexto sociocultural em que foi produzida a memória, quanto de mecanismos internos, a exemplo da forma como um evento fica marcado em nossa personalidade ou os caminhos percorridos pela mente para resgatá-lo.

Amparada em seus estudos na área da Psicologia Social, Ecléa Bosi é da mesma opinião e analisa a reminiscência pessoal como um processo de retorno à vivência que gerou a memória, enquanto ela é recontada:

Ouvindo depoimentos orais constatamos que o sujeito mnêmico não lembra uma ou outra imagem. Ele evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência. (Bosi, 2003, p. 44)

Para Bosi, esse processo de fazer emergir um contexto anterior através da narrativa oral traz consigo uma série de variáveis externas ao indivíduo, que são absorvidas por ele. Isso vale, principalmente para a memória que envolve fatos políticos:

A lembrança de certos momentos públicos (guerras, revoluções, greves...) pode ir além da leitura ideológica que eles provocam na pessoa que os recorda. Há um modo de viver os fatos da história, um modo de sofrê-los na carne que os torna indelével e os mistura com o cotidiano, a tal ponto que já não seria fácil distinguir a memória histórica da familiar e pessoal. (Bosi, 1994, p. 464)

Isso é bastante perceptível em diversas recordações dos entrevistados, que entrelaçam a Rádio Universitária às próprias vivências políticas e trajetórias pessoais. Um exemplo interessante está na contextualização da época de funcionamento da emissora durante a ditadura, feita pela atual diretora de programação, Leovigilda Bezerra:

(...) as Reitorias eram a personificação do regime político do país em cada universidade. Aí, junto ao começo da Rádio, vieram todas as maiores lutas políticas dos estudantes da UFC, dos professores, dos servidores. Foi nessa época a história da passeata da meia que eu te falei, que foi a maior passeata do movimento estudantil. Levamos muito tiro de borracha e mangueirada de mijo e gás lacrimogêneo e muitas prisões. Tudo isso caminhava junto com o início da Rádio, tudo repercutia lá, né? A música que a gente ia escolher pra tocar, a gente disfarçava as intenções dos programas, por causa da censura. Aqui, dentro da Reitoria, tinha um prédio do SNI [*Serviço Nacional de Informações, órgão coletor de dados sobre lideranças políticas criado pelo regime militar em 1964*], onde a gente era fichado, tinha o nomezinho lá do povo subversivo e tal. Essa história de andar de jeans, cabeludo, de ser maconheiro, veado, que falavam que a gente era, era por conta da ditadura. Qualquer pessoa que não seguisse aquele padrãozinho, direitinho, abotoadinho, limpinho, cabelinho curto, era subversivo, era maconheiro, era comunista, era desequilibrado. (Leovigilda Bezerra, depoimento de 28/05/2007)

Também é possível perceber, na fala da entrevistada, um uso recorrente da primeira pessoa do plural, evidenciando a sensação tida por ela de que muitos outros membros do grupo de funcionários mais antigos da emissora, estudantes à época desses acontecimentos, compartilham de suas impressões. Por trás disso, está uma complexa interação entre a memória grupal e a individual, que dialogam constantemente enquanto o indivíduo narra seu passado.

A força da evocação pode depender do grau de interação que envolve: eventos de repercussão restrita diferem, em sua memorização, dos que foram revividos por um grupo anos a fio. Mas uns e outros sofrem de um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais. Conhecemos a tendência da mente de remodelar toda experiência em categorias nítidas, cheias de sentido e úteis para o presente. Mal termina a percepção, as lembranças já começam a modificá-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória. Um desejo de explicação atua sobre o presente e sobre o passado, integrando suas experiências nos esquemas pelos quais a pessoa norteia sua vida. O empenho do indivíduo em dar um sentido à sua biografia penetra as lembranças com um “desejo de explicação”. (Bosi, 1994, p. 419)

Assim, a memória grupal fortalece as recordações individuais, do mesmo modo que cada recordação individual transporta para as narrativas coletivas traços pessoais de cada um dos narradores. Afinal, cada indivíduo vive o momento a seu modo e reflete sobre ele, poste-



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

riormente, a partir de uma carga própria de convicções e vivências. É essa interação repleta de nuances que origina aquilo que conhecemos como heteroglossia.

A gama de indivíduos cujas trajetórias se cruzaram com a da Rádio Universitária ao longo dos últimos 28 anos é um dos fatores mais desafiantes na pesquisa de sua história. Podemos dividi-los em três grupos: aqueles que atuaram de maneira pontual na emissora, levados a ela por circunstâncias específicas, e depois se afastaram, caso de muitos diretores executivos e colaboradores; aqueles cujas decisões possuíam um papel tangencial no desenvolvimento da emissora, devido ao cargo que exerciam na universidade, como reitores e pró-reitores de Extensão; e aqueles que entraram na Universitária FM em seus primeiros anos e permaneceram ali, o que aconteceu com muitos estudantes que, entre 1981 e 1983, eram bolsistas da Rádio Universitária e, à medida que foram amadurecendo profissionalmente, assumiram outros postos, constituindo grande parte da atual equipe da emissora.

Em todos os casos, essas pessoas possuem testemunhos valiosos a agregar à história da Rádio, e a diversidade de formas como vivenciaram ou vivenciam seu cotidiano apenas enriquece a narrativa. Esse é um dos diferenciais positivos da história oral, conforme ressalta Bosi: “a história que se apóia unicamente em documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (Bosi, 2003, p. 15). E, dada a presença de elementos tão subjetivos quanto as paixões em cada narrativa, não é incomum que, em alguns momentos, as memórias convirjam ou entrem em conflito. A esse processo um tanto dialético de constituição de uma história a partir do entrelaçamento de vozes variadas e opostas denomina-se heteroglossia.

Segundo Burke, a heteroglossia é um recurso fundamentalmente literário, adaptado às narrativas históricas de modo a demonstrar a variedade de nuances presentes em um fato:

O objetivo do exercício é precisamente mostrar, e também estabelecer, as diferenças de pontos de vista entre o passado e o presente, a Igreja e o Estado, o negro e o branco, os desentendimentos e a luta para impor definições particulares da situação. (Burke, 1992, p. 337)

Assim, aquele velho ditado de que a história é escrita pelos vencedores pode finalmente cair por terra, visto que não há apenas uma história, mas várias, dependendo da perspectiva. A melhor maneira de o historiador demonstrar isso é ouvindo diversas fontes, pertencentes a campos diferentes dentro do seu objeto.

No caso desta pesquisa sobre a Rádio Universitária, ouvimos desde o professor Paulo Elpídio de Menezes Neto, o reitor em exercício à época da fundação da emissora, até aqueles que começaram como bolsistas ou ajudantes. O cotidiano para estes últimos era de constante aprendizado e diálogo com os profissionais mais experientes da casa, o que contribuiu para o fato de a Universitária FM desempenhar um papel tão central em sua formação profissional. Visto que cada um dos entrevistados ocupava posições distintas na hierarquia da emissora e vivia momentos pessoais diferentes à época, é de se esperar que seus relatos tragam aspectos particulares e perspectivas diversas.

Grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilharam a mesma época; a do militante penetrado de consciência histórica e a dos que apenas buscaram sobreviver. Podemos colher enorme quantidade de informações factuais mas o que importa é delas fazer emergir uma visão do mundo. (Bosi, 2003, p. 19)

Esse “desnível” das experiências faz de cada testemunho uma peça no quebra-cabeça da história da emissora. Afinal, por mais que as lembranças íntimas de cada indivíduo também sejam bem vindas nas entrevistas, o mote dos encontros ainda é a vivência da Rádio Universitária. Essa vivência é o fio condutor entre tantas histórias de vida. Thompson explicita tal relação:



A vida individual é o veículo concreto da experiência histórica. Além disso, a evidência, em cada história de vida, só pode ser plenamente compreendida como parte da vida como um todo. Porém, para tornar possível a generalização, temos que extrair a evidência sobre cada tema de uma série de entrevistas, remontando-a para enxergá-la de um novo ângulo, como que horizontalmente em vez de verticalmente; e, ao fazê-lo, atribuir-lhe um novo significado. (Thompson, 1992, p. 302)

Assim, a história de uma instituição não é constituída apenas de datas oficiais, mas das experiências das pessoas que vivenciam sua rotina, preservando-a ou modificando-a. É isso que podemos observar, cada vez mais, nesta pesquisa em que a metodologia da história oral dialoga tão diretamente com o conceito de identidade institucional.

Reflexões finais

O fazer científico é caracterizado pela disposição constante para rever as próprias conclusões e reconhecer que nem sempre a perspectiva do pesquisador é a correta. A realidade tem muitas nuances e é preciso saber encará-las em sua pluralidade.

A escolha do conceito de identidade institucional reflete esta disposição. Aliado à metodologia da história oral, ele reflete também uma importante lição do jornalismo: todo testemunho é válido para compreender os acontecimentos. Desta forma, não é apenas a voz do diretor ou do reitor que importa – todos, inclusive eles, têm algo a dizer.

Muitos bolsistas, funcionários e colaboradores que ingressaram na Rádio durante este período inicial continuam integrando seus quadros até hoje. Assim, não é exagero dizer que suas histórias se confundem com a da emissora. Compreendê-las individualmente será vital para o prosseguimento desta pesquisa.



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **O tempo vivo da memória:** ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BURKE, Peter. “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa” in BURKE, Peter. **A escrita da História:** Novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- FUNDAÇÃO Cearense de Pesquisa e Cultura. **Regimento da Rádio Universitária (FM).** Fortaleza, 1980.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: PD&A, 2002.
- LIMA, Francisca Almira Murta de. **Radiodifusão Educativa:** avaliação do projeto de educação não-formal desenvolvido pela Rádio Universitária FM da Universidade Federal do Ceará (UFC). 2005. Monografia (Especialização em Gestão Universitária). Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará – UFC, 2002.
- PENTEADO, Sílvia Teixeira de. **Identidade e poder na universidade.** Santos: Unisanta Editora, 1998.
- PRINS, Gwin. “História Oral” in BURKE, Peter. **A escrita da História:** Novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- UNIVERSIDADE Federal do Ceará. **Seminário Geral:** uma tentativa de administração solidária. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1981.